



ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2001.

Mariane Rocha Camargo Vasconcelos (PPGEL-UFMT)¹
mariane_vasconcelos@hotmail.com

Eni P. Orlandi, em seu livro: *Análise de Discurso, Princípios e Procedimentos*, Ed. Pontes, 2001, delinea uma trajetória heterogênea de pontos que constituem a análise do discurso. Procura-se compreender nesta obra a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história.

A autora ao publicá-lo, pretende nos mostrar como nos relacionamos com a linguagem em nosso cotidiano, enquanto sujeitos falantes que somos (pai, mãe, amigo, colega, cidadãos etc), enquanto profissionais, enquanto professores, enquanto autores e leitores. O livro traz uma proposta de reflexão, sobre a linguagem, sobre o sujeito, sobre a história e a ideologia.

No capítulo I nos esclarece do que se trata a *Análise do Discurso*, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando.

A partir dos anos 60, a *Análise do Discurso*, se materializa, tendo como fontes a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise para possíveis relações/oposições. A língua passa então a ser vista não como estrutura, mas como acontecimento. O homem passa a ser visto como sujeito que é influenciado pela história. E a linguagem é linguagem por que tem um sentido, e só consegue ter esse sentido por que se inscreve na história. Assim, observamos que não dá para separar uma coisa da outra, estão interligadas.

¹ Mestranda em Linguística, UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso



No capítulo II, Orlandi faz uma abordagem da circunstância intelectual da AD e do dispositivo teórico. Assim, a teoria em pauta coloca a interpretação em questão, distinguindo-se da Hermenêutica. A análise não se restringe à interpretação em si, tampouco procura uma chave para isso. Neste ponto de vista teórico, não existe verdade oculta em quaisquer textos. O que há são gestos de interpretação que o analista deverá buscar compreender.

O sentido do discurso depende do sujeito que o produz, ou do sujeito que o interpreta. A análise do Discurso, visa a compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos. Que os sentidos não estão só nas palavras, mas têm relação direta com o “mundo exterior” nas condições em que são produzidos e que não dependem só das intenções dos sujeitos.

Orlandi menciona as condições de produção, que compreendem os sujeitos e a situação. Assim como a memória, o conhecimento pré-adquirido, o que já foi dito antes em outro lugar, ou seja, a memória discursiva. As condições de produção estão relacionadas ao contexto imediato, que seria o momento, o contexto sócio-histórico, ideológico.

Daí vem à diferenciação de interdiscurso e intradiscurso. Interdiscurso, seria os dizeres já ditos, e intradiscurso, aquilo que esta sendo dito no momento, diante das condições dadas. A autora lança a pergunta: “Por que somos afetados por certos sentidos e não outros?” Segundo a autora, “o que fazemos ou deixamos de fazer no ponto de vista discursivo é influenciado pela nossa relação com a língua e a história, por nossa experiência de mundo, através da ideologia.” (pag. 34). A partir daí, a leitura discursiva buscando interpretar o que é dito, considera o não dito. O que está amostra é apenas a ponta de um iceberg.

O interdiscurso é afetado pelo esquecimento, a autora cita Pecheux (1975) pois para ele, pode ser de duas formas: O porquê de usarmos um termo, uma palavra a outra, sendo que são sinônimos, têm o mesmo sentido. Por exemplo, utilizamos “sem medo” ao invés de dizermos “com coragem”. O que dissemos está ligado ao que pensamos. O pensamento ligado a linguagem do mundo. O outro tipo de esquecimento está ligado ao



modo que somos afetados pela ideologia. Enquanto pensamos estar dizendo algo novo, estamos retomando discursos pré-existentes. O funcionamento da linguagem está entre os processos parafrásticos e os polissêmicos. Parafrástico é aquele que se mantém em todo dizer, o dizível, a memória. E polissêmico é o deslocamento, a ruptura de processos de significação. Em outras palavras, paráfrase é a matriz do sentido, e polissemia é a distinção do significado com relação ao contexto.

Não há discurso que não se relacione com outros. Todo discurso está inserido num processo discursivo contínuo. E as palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as utilizam, de acordo com a ideologia. Os sujeitos e os sentidos são constituídos e determinados pela ideologia, que segundo Pecheux, dissimula sua existência no interior de seu próprio funcionamento. “A ideologia não afeta o sujeito, ela o constitui”. (pag. 46).

A autora discute sobre o sujeito da sociedade atual. Que é ao mesmo tempo livre e submisso. Livre por poder dizer tudo, e submisso por ter que recorrer à língua para fazê-lo.

O processo de significação da linguagem é incompleto, aberto. E é justamente por essa abertura que esse processo é determinado. Tanto pela paráfrase, tanto pela polissemia, quanto pela metáfora. O sentido é determinado por inúmeros fatores, o que o faz aberto.

Finalizando o capítulo, Orlandi discute a incompletude como a condição da linguagem, visto que os sujeitos e os sentidos não estão completos. Ela afirma que “homens e sentidos fazem os seus percursos, mantêm a linha, se detêm junto as margens, ultrapassam limites, transbordam, refluem”. Assim, isso acontece “no discurso, no movimento simbólico, que não se fecha e que tem na língua e na história sua materialidade” (p.53).

No cap. III, “Dispositivo de análise”, a autora discute a necessidade de refletir sobre esse dispositivo e o modo de proceder do analista. Nesse ponto, reporta-se ao fato



de a língua funcionar ideologicamente e de o sentido ter uma materialidade linguística histórica.

Ao abordar sobre a posição em que trabalha o analista de discurso, Orlandi alerta que não se trata de uma posição neutra, mas relativizada diante da interpretação. Para isso é necessário que invista “na opacidade da linguagem, no descentramento do sujeito e no efeito metafórico” (p.61). Dito de outro modo, é preciso que o analista considere o trabalho da ideologia, sem se tornar vítima dos efeitos produzidos por ela.

Orlandi lança a pergunta: “Se a linguagem funciona deste modo, como deve proceder o analista?” Como deve interpretar um discurso? A autora propõe a adoção de um “dispositivo de interpretação”, que colocaria o dito em relação ao não dito, o que um sujeito diz em um lugar com o que é dito em outro lugar, o que é dito de um modo, e o que é dito de outro.

Não se pode aprender uma ideologia e não se pode controlar o inconsciente com o saber. Assim todo enunciado está suscetível a mais de uma interpretação dependendo de quem o interpreta, poderá tornar-se outro. Uma mesma palavra pode ter vários significados, assim como um discurso também.

A autora chama a atenção para o fato de um texto não ter uma extensão definida, que ele pode ser tanto escrito, quanto oral. É um texto porque tem significado. E esse significado não está pronto, acabado. Pode ser interpretado de diferentes formas, segundo cada sujeito que o interpreta. Pois há conceitos individuais que contribuem para essa interpretação, como a ideologia, a memória discursiva, além de outros fatores.

Assim, a autora mostra que não existe linguagem inocente, há sempre algo, por trás. De acordo com as teorias apresentadas, inaugura-se novas práticas de leituras. Assim como não há linguagem inocente, não devemos ler inocentemente. Que a linguagem é um campo muito vasto, o qual só uma análise discursiva pode explorar.

Recebido Para Publicação em 30 de maio de 2018.

Aprovado Para Publicação em 27 de junho de 2018.